

NA ELEIÇÃO DE AMANHÃ, ALGUNS POLÍTICOS SEM EXPRESSÃO, OUTROS EM DECADÊNCIA E UMA MULHER

RONALDO CAIADO

Nos seus primeiros 15 anos, em Anápolis (GO), Ronaldo Caiado (PSD) dava pouco valor à política. Tinha duas paixões: os cavalos e as pescarias. Ainda adolescente, Caiado decidiu que seria médico e veio estudar no Rio. Depois, tomou o caminho da França para especializar-se como cirurgião. Em Paris conheceu Jacques Chirac, que formava a UDR francesa (Union Démocratique Republicaine). E assim Ronaldo Caiado tomou gosto pelas coisas da política e fundou a UDR, que congrega os proprietários rurais com vistas a enfrentar as invasões no campo. Tem 41 anos.



AFFONSO CAMARGO

Curitibano, engenheiro, o candidato do PTB, Affonso Camargo, começou na política em 61, como Diretor do Departamento estadual de Águas e Energia do Paraná. Em 64, Vice-Governador do Paraná, por integrar a "ala esquerda" do PDC, acabou impedido de assumir o Governo quando Ney Braga foi nomeado Ministro da Agricultura. Rompeu com Ney Braga e filiou-se ao MDB. Disputou, em 65, uma vaga para o Senado. Perdeu. Em 78, virou Senador bônico pela Arena. Ganhou a primeira eleição em 86, para o Senado, pelo PMDB. Foi Ministro dos Transportes em 85.



AURELIANO CHAVES

Em 30 anos de vida pública, o engenheiro Aureliano Chaves (PFL) foi Deputado, Governador, Vice-Presidente da República e Ministro. Nasceu em 13 de janeiro de 29, em Três Pontas (MG). Seus opositores reconhecem nele grande capacidade intelectual e integridade moral e é visto sobretudo como um homem capaz de divergir. Foi severo crítico dos ex-Ministros da Fazenda Delfim Netto e Dilson Funaro. Apoiou o movimento de 64 e, em 68, aproximou-se do Presidente Gelsel, sendo indicado para o Governo de Minas em 75 e para a Vice-Presidência no Governo Figueiredo.



FERNANDO GABEIRA

Manter viva a consciência ecológica é a preocupação do escritor e jornalista Fernando Gabeira, candidato do PV, que ficou famoso por ter, em setembro de 1969, participado do seqüestro, no Rio, do então Embaixador dos Estados Unidos, Charles Burke Elbrick. Mineiro de Juiz de Fora, 49 anos, Gabeira permaneceu 10 anos no exílio: Argélia, Alemanha, Cuba e Suécia, onde chegou a ser condutor de metrô. Beneficiado pela anistia, retornou ao Brasil em 1979. Em 1986, lançou-se candidato ao Governo do Rio de Janeiro, pela coligação PT-PV, ficando em terceiro lugar.



LÍVIA ABREU

Única mulher a disputar a Presidência da República, a mineira Lívia Maria Pinto de Abreu, de 40 anos, confessa que acalenta o sonho de ser Presidente desde a infância vivida na pequena cidade de Carangola.



Candidata pelo Partido Nacionalista (PN) — legenda com registro provisório que possui menos de dez mil filiados em todo o País —, a advogada e funcionária do Banco do Brasil reconhece, no entanto, que gosta mesmo é de ser dona de casa.

— Adoro arrumar a casa e cozinhar. Isso faz bem para mim — confessa.

CELSO BRANT

Cassado em 1964, o professor Celso Brant, candidato pelo PMN, não tem esperança de ser Presidente. Não acredita em milagre, mas bate numa única tecla:

— O Brasil não deve continuar sendo colônia dos EUA.

Em 1983, o Movimento de Mobilização Nacional foi registrado no TSE, mas só em abril deste ano surgiu como partido. Celso Brant se lançou candidato com os olhos voltados para a Câmara dos Deputados, na eleição de 1990. O PMN conta com 32 vereadores em todo o País, dois Deputados federais e aproximadamente 120 mil filiados.



MANOEL HORTA

Manoel Horta, candidato à Presidência da República pelo PDC do B (disidência do PDC), começou sua campanha dizendo que não era candidato, e que estava guardando vaga para o ex-Ministro da Justiça Oscar Dias Corrêa. O Ministro não apareceu e Horta ficou até o fim.

Manoel Horta não tem programa, não mostrou ter idéia, e concentrou-se no degradante espetáculo de falar mal de alguns candidatos, sempre os mesmos, o que tornou bastante estranho o seu papel no horário gratuito.



ZAMIR TEIXEIRA

Para tentar sair do anonimato, o economista Zamir Teixeira, candidato do Partido Comunista Nacional (PCN) ao Palácio do Planalto, parece esperar eleger-se Presidente contando com o maciço apoio do eleitorado do Estado do Acre.

Poucos eleitores sabem quem ele é. Aos 47 anos, Zamir Teixeira foi Vereador por 13 anos em Campo Mourão, município paranaense onde nasceu.

Em 1976, mudou-se para Rio Branco (AC) e, em 1986, foi suplente de Senador pelo Acre.



PEDREIRA

O ataque e o delírio foram as marcas do que Antônio Pedreira, candidato do Partido do Povo Brasileiro (PPB), chamou de campanha eleitoral para a Presidência da República. Pedreira foi o campeão de punições impostas pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Baiano, de 42 anos, esse indivíduo ficou em nono lugar na disputa pela Prefeitura do Rio de Janeiro, em 1985.

Seu comitê em Brasília fica numa mansão na Península dos Ministros, que ele diz ser contribuição de um simpaticante.



PAULO GONTIJO

A campanha nem tinha chegado às ruas quando os brasileiros que vivem nas principais capitais do País esbarravam com uma pequena placa que trazia a enigmática inscrição: "PG, cem anos em cinco". Mais tarde, os eleitores vieram a saber que PG era o candidato Paulo Gontijo, empresário, usineiro de álcool em Bom Despacho (MG). Dono de uma luxuosa mansão em Brasília, Paulo Gontijo, aos 44 anos, é pouco conhecido até entre os vizinhos. Saiu candidato pelo Partido Popular, que ele criara três meses antes da Convenção nacional. Ninguém até hoje conseguiu saber para quê.



EUDES MATTAR

Nascido entre maçons e espíritas, o Partido Liberal Progressista (PLP) não tem qualquer esperança de eleger seu candidato, Eudes Mattar.

No mês passado, o pai do candidato, o médico geriatra Tuffik Mattar — amigo de muitos políticos, entre os quais o ex-Presidente Jânio Quadros e o ex-Governador do Rio de Janeiro Leonel Brizola —, que fundou o PLP há dois anos, já reconhecia: a candidatura de Eudes Mattar não tem futuro. Só pretende mesmo eleger-se ano que vem deputado estadual em São Paulo.



MARRONZINHO

O candidato José Alcides Marronzinho de Oliveira, do PSP, participa pela terceira vez de uma disputa eleitoral: em 1986, foi candidato a Deputado estadual em São Paulo e, em 1988, a Prefeito da Capital paulista. Perdeu as duas, ridiculamente, como não podia deixar de ser.

Sua campanha é um escárnio. Na maior parte apresentava-se como se estivesse proibido de falar.

Na etapa final, profere frases destituídas do mínimo de seriedade. É uma das nódoas do programa eleitoral gratuito.

